Franklin Frazier, Lorenzo Turner, Melville & Frances Herskovits na formação dos estudos afro-brasileiros

DOI
http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.221465

Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis, SC, Brasil
amurabi.oliveira@ufsc.br | https://orcid.org/0000-0002-7856-1196

SANSONE, Lívio. *Estação etnográfica Bahia: a construção transnacional dos estudos afro-brasileiros (1935-1967)*. Campinas, Editora da Unicamp, 2022.

A década de 1930 foi certamente memorável para as ciências sociais brasileiras, não apenas porque foram criados então os primeiros cursos de graduação nessa área, como também pelo fato de terem sido publicadas algumas das obras mais importantes desse período, como *Casa-grande & senzala* (2006 [1933]), de Gilberto Freyre (1900-1987), e *Raízes do Brasil* (1995 [1936]), de Sérgio Buarque de Holanda

(1902-1982). Na gênese desse processo, recorrentemente se tem dado visibilidade à "missão francesa" que esteve envolvida na fundação da Universidade de São Paulo, destacando-se principalmente a relevância que ela teve para as ciências humanas e sociais.

Para além do processo de institucionalização das ciências sociais, também foi nessa década que os chamados "estudos afro-brasileiros" passaram a se consolidar, tomando como principal marco para tanto o advento do Congresso Afro-Brasileiro, cuja primeira edição foi organizada por Gilberto Freyre em Recife em 1934, e a segunda por Edison Carneiro (1912-1972) e Aydano do Couto Ferraz (1914-1985) em Salvador em 1937.

Em que pese a efervescência do período, a literatura especializada tem dado pouca ênfase ao impacto e à presença de um grupo de acadêmicos americanos que desenvolveram pesquisas no Brasil a partir da década de 1930, especialmente na cidade de Salvador. Lívio Sansone, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA)[1], se volta para esse grupo de pesquisadores, chamando a atenção para o fato de que a Bahia – mais especificamente a cidade de Salvador – se tornou uma espécie de "Estação etnográfica", título dado ao seu mais novo livro. Ao longo desta obra, Sansone se volta especificamente para as seguintes figuras: E. Franklin Frazier (1894-1962), Lorenzo Dow Turner (1890-1972), Melville Herskovits (1895-1963) e Frances Herskovits (1897-1972)[2].

A partir de um trabalho cuidadoso com suas fontes, Sansone reconstitui a trajetória desses pesquisadores que estiveram envolvidos em uma rede muito próxima, marcada por alianças e disputas (Oliveira, 2019a). Ao longo do livro, ele nos apresenta não apenas os pesquisadores em questão, como também as redes nas quais estavam inseridos, nos possibilitando uma melhor compreensão sobre como eles realizaram pesquisas na mesma região, dialogando praticamente com os mesmos sujeitos de pesquisa, porém chegando a conclusões sensivelmente distintas.

No primeiro capítulo, "Trajetórias: a jornada de Franklin, Lorenzo, Mel e Frances no Brasil", Sansone nos apresenta a seus personagens, situando a vinda deles ao Brasil em meio ao conjunto de transformações sociais pelas quais o país vinha passando, bem como o destaque particular que Salvador vinha ganhando. O primeiro a ser apresentado é Frazier, renomado sociólogo negro americano, mas que ainda é pouco lido e pouco conhecido nos cursos de ciências sociais no Brasil, até hoje. Sansone visibiliza como sua chegada ao Brasil foi acompanhada de perto pela imprensa, bem como as próprias mudanças na percepção que Frazier foi produzindo ao longo do tempo sobre as relações raciais no Brasil, que foi de uma visão mais positiva, compreendendo-as como mais livres e flexíveis que nos Estados Unidos, em direção a uma visão mais crítica.

Assim como Frazier, Turner chegou à Bahia no começo da década de 1940,

1 | Cabe destacar algo que não me parece ser de menor relevância: Lívio Sansone é um antropólogo italiano há muitos anos radicado no Brasil, especificamente na cidade de Salvador. Quero enfatizar com isso que estamos diante de um cientista social estrangeiro aqui radicado, que há anos realiza trabalho de campo na Bahia, que analisa outros cientistas sociais estrangeiros que vieram para o Brasil realizar trabalho de campo, ainda em outra temporalidade e partindo de outras experiências sociais.

2 | O professor Sansone já havia publicado artigos sobre o tema, dentre os quais podemos destacar Sansone, 2011, 2012, 2023. Isso demonstra que o presente livro reflete um projeto intelectual de longa duração do pesquisador.

também fortemente inserido numa rede de pesquisadores americanos que pesquisavam o Brasil, como o próprio Herskovits, além de Donald Pierson (1900-1995), tendo permanecido dois meses a mais que Frazier no país. Também era um renomado intelectual negro nos Estados Unidos, amplamente reconhecido no campo da linguística. Sansone acompanha ainda de forma detalhada como Turner apresentou o vasto material coletado ao longo de seu período no Brasil, que incluía horas de gravações e fotografias. Como bem evidencia Sansone, "Em Chicago e arredores havia uma demanda por culturas negras de todo o mundo, e isso, por sua vez, ofereceu um público para a produção criativa de Turner – que não conseguia encontrar seu caminho nos canais acadêmicos convencionais" (Sansone, 2023: 72).

Sansone trata da produção de Melville e Frances Herskovits em conjunto, considerando não apenas a parceria intelectual e afetiva do casal, como também a organização de seus arquivos. Notadamente, o casal possui um arquivo bastante vasto e minucioso, além de ter contado com mais apoio institucional e ter permanecido por mais tempo no Brasil, em comparação com Frazier e Turner. A rede de contatos acionadas é sensivelmente distinta nesse caso, especialmente devido ao fato de que M. Herskovits já mantinha contato com alguns dos principais intelectuais do Brasil desse tempo, como Arthur Ramos (1903-1949) e Gilberto Freyre, tendo também viabilizado a ida para os Estados Unidos de brasileiros interessados em seguir carreira acadêmica lá, como Octavio Eduardo (1919-2019), René Ribeiro (1914-1990) e Ruy Coelho (1920-1990)[3], e mantido de forma ativa contato com a comunidade acadêmica brasileira quando regressaram aos Estados Unidos. Como bem enfatiza Sansone, a maior parte dos contatos do casal Herskovits era formada por pessoas brancas.

Apesar das diferenças, Sansone também demarca elementos em comum presentes no trabalho de campo desses pesquisadores:

> Para os quatro pesquisadores, a pesquisa na Bahia seria sua principal e mais longa viagem de campo no exterior. Todos eles ficaram muito impressionados com o Brasil e seduzidos pela cultura popular negra de Salvador. A cidade pareceu-lhes uma ilha relativamente feliz e pacífica em um mundo dilacerado pela segregação racial e pelos horrores da Segunda Guerra Mundial: o lugar ideal para fazer trabalho de campo, com informantes locais disponíveis e até amáveis, ansiosos para lhes mostrar tudo, além de intelectuais e políticos locais que se sentiram até honrados por sua visita e que fariam o máximo para tornar sua estada o mais agradável possível. (Sansone, 2023, p. 111).

No segundo capítulo, "Comparando estilos", o autor busca comparar como esses pesquisadores circularam por Salvador, e especialmente pelos terreiros de Candomblé, incluindo o famoso terreiro do Gantois. O casal Herskovits tinha contatos

3 | Algumas análises já foram realizadas sobre a correspondência de Herskovits com pesquisadores brasileiros, como em Guimarães (2008), Ferretti (2017) e Ramassote (2017).

mais bem estabelecidos com a elite branca local, ao passo que Frazier e Turner dependiam mais dos contatos viabilizados por Pierson e Ruth Landes (1908-1991), que por sua vez tiveram como principal informante Edison Carneiro (1912-1972). Cabe aqui mencionar que isso por si só tensionava as relações entre os pesquisadores, considerando principalmente as duras críticas que o trabalho de Landes recebeu por parte de Ramos e Herskovits (Oliveira, 2019b). Ademais, Herskovits estava mais próximo de um viés africanista, algo que parecia secundário para a pesquisa de Frazier.

Sansone nos apresenta de forma cuidadosa as diferentes maneiras desses pesquisadores de realizarem suas anotações, o tipo de grupos que pesquisavam, como se relacionavam com seus sujeitos de pesquisa. Um dado interessante é sobre a relação desses pesquisadores com a fotografia, pois Frazier recorrentemente aparecia nas fotografias com seus informantes, e Turner também tirou fotos de afro-brasileiros comuns, ambos inscrevendo informações detalhadas sobre as pessoas nas fotografias, ao passo que Herskovits não aparecia nas fotos com seus informantes. Para Sansone (2023: 164): "Turner e Frazier certamente estavam interessados em fenômenos sociais e culturais, mas também estavam inclinados a nomear e humanizar seus informantes melhor do que os Herskovits".

Apesar de nenhum dos pesquisadores analisados por Sansone ter escrito um livro sobre o Brasil, publicaram diversos artigos decorrentes de suas pesquisas no país. Sansone destaca o debate que ocorreu entre Frazier e Herskovits por meio de artigos acerca da "família negra", cujos resultados se originaram principalmente da pesquisa que ambos realizaram na comunidade em torno do terreiro do Gantois. De forma sumarizada, poderíamos dizer que, enquanto Herskovits faz uma leitura mais próxima de uma perspectiva africanista, buscando compreender a dinâmica sociocultural dessas famílias a partir de sua relação com a organização social e cultural na África, Frazier percebia que essa influência africana persistia apenas no folclore. Como bem destaca Sansone, apesar do grande impacto que esse debate teve sobre a família negra até meados da década de 1970, no Brasil ele ficou menos conhecido, especialmente os trabalhos de Frazier.

Em meio a essas tensões e disputas, creio que uma das principais contribuições do trabalho de Sansone é visibilizar o impacto que a pesquisa de campo na Bahia exerceu em seus trabalhos, ainda que isso tenha reverberado em interpretações distintas acerca das populações afro-brasileiras; ademais, através de seu cuidadoso trabalho de pesquisa, o autor também consegue demonstrar que o impacto que o trabalho de cada um deles teve na academia se relacionou não apenas às qualidades singulares que possuíam, mas também às redes de relações nas quais se inseriram. Caberia esta crítica ao trabalho: quanto ao casal Herskovits, poderia ser melhor tensionada a questão envolvendo as relações de gênero, uma vez que também o trabalho de Frances se tornou menos conhecido entre nós brasileiros, o que

reflete uma situação recorrente, uma vez que "[...] as pesquisadoras que aqui chegaram eram *doublés* de esposas dos pesquisadores – como Dina Lévi-Strauss, Frances Herskovits, Yolanda Murphy" (Corrêa, 2000: 240).

No terceiro e último capítulo, "Bahia, um lugar para sonhar (1942-1967)", Sansone busca destacar o "depois" da relação desses pesquisadores com o Brasil: apesar de enfatizar que Turner e Frazier não mais regressaram, e que Herskovits apenas voltou ao Brasil de forma pontual em 1954, isso não significa que eles perderam o interesse pelo país. No caso de Herskovits, Sansone enfatiza como ele teve um papel importante para a internacionalização da carreira de distintos pesquisadores brasileiros, como no caso de Arthur Ramos, que chegou a ser professor visitante na Louisiana State University[4], José Valladares (1917-1959), além daqueles que se tornaram seus estudantes de pós-graduação na Northwestern University. Também destaca o papel crucial que o Projeto Unesco e o programa de intercâmbio com a Universidade de Colúmbia tiveram no processo de internacionalização das ciências sociais brasileiras, e na Bahia em particular.

4 | Uma análise mais detalhada da atuação de Ramos nos Estados Unidos pode ser encontrada em Oliveira (2023).

Ainda nesse capítulo, Sansone trata da volta de Frances à Bahia em 1967, durante a qual realizou um intenso trabalho de campo, e das observações acerca das mudanças ocorridas nesse intervalo de 25 anos, buscando ainda compreender por que não foi possível concluir o livro sobre o Brasil. Para o autor, provavelmente isso não ocorreu devido ao agravamento dos problemas de saúde de Frances, que veio a falecer em 1972.

Em suas considerações finais, Sansone coloca com todas as letras sua preferência por Frazier em relação a Herskovits, mas enfatiza que "[...] ele [Herskovits] era certamente um *gatekeeper*, mas com uma missão, da qual, às vezes, também o ativismo negro e as novas perspectivas sobre a herança africana foram beneficiados" (Sansone, 2023: 274). O que interessa a Sansone, e ele o faz muito bem, é enfatizar a complexidade das relações envolvidas na gênese transnacional dos estudos afro-brasileiros, indicando como tais pesquisadores, com seus diferentes estilos e formas de inserção, compuseram esse mosaico.

Vale ainda a pena destacar o posfácio escrito pelo próprio Sansone, que se intitula "O dilema da repatriação (digital)": ao revisitar sua trajetória de pesquisa no campo dos estudos afro-brasileiros, o autor nos apresenta algumas das tensões que se colocam ao pensarmos as relações entre Norte e Sul global no que diz respeito à memória e aos arquivos. Isso se desdobrou também no projeto do Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira. Por meio de sua trajetória – e também de colegas –, Sansone busca demonstrar como a repatriação digital pode ser por vezes quase tão complexa quanto a repatriação física.

Ao término da leitura desse trabalho, posso assegurar que *Estação etnográfica Bahia* é certamente um livro fundamental para a compreensão dos estudos afro-

-brasileiros, bem como da história das ciências sociais no Brasil. Ainda que não seja o foco do livro, parece-me que ele traz uma contribuição fundamental para compreendermos que o processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil apresentou uma profunda heterogeneidade de processos, de modo que aquilo que se deu na Bahia não seria apenas uma experiência "provinciana" em oposição à experiência "cosmopolita" que teria ocorrido em algumas regiões do país.

Deve-se enfatizar ainda a relevância de trazer para nosso debate acadêmico as contribuições de autores recorrentemente esquecidos do cânone acadêmico das ciências sociais, e neste ponto eu daria especial ênfase ao trabalho de Frazier, um dos maiores sociólogos americanos do século XX, mas que ainda é um ilustre desconhecido nos cursos de ciências sociais no país[5].

Certamente, esse é um trabalho de fôlego que merece constar como referência obrigatória para compreendermos a história dos estudos afro-brasileiros e das ciências sociais no Brasil.

5 | Destaco também como uma iniciativa de visibilizar o trabalho de Frazier a recente tradução de parte de seu trabalho na coletânea *Além do cânone: para ampliar e diversificar as ciências sociais* (Castro, 2022).

Referências bibliográficas

CASTRO, Celso (org.). 2022. *Além do cânone: para ampliar e diversificar as ciências sociais*. Rio de Janeiro, FGV.

CORRÊA, Mariza. 2000. "O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira". *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 4(2): 233-265.

FERRETTI, Sergio. 2017. "Correspondência de Octávio da Costa Eduardo para Melville Herskovits (1943/1944)". *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(27): 213-229.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. 2008. "Africanism and racial democracy: The correspondence between Herskovits and Arthur Ramos (1935-1949)". *EIAL: Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, 19(1): 53-79.

OLIVEIRA, Amurabi. 2019a. "Afro-Brazilian studies in the 1930s: Intellectual networks between Brazil and the USA". *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, 8(1-2): 32-49.

OLIVEIRA, Amurabi. 2019b. "Ruth Landes (1908-1991) and her understanding of Brazil in the City of Women". *Asian Journal Latin American Studies*, 32(3): 29-41.

OLIVEIRA, Amurabi. 2023. "Um antropólogo brasileiro nos Estados Unidos: Arthur Ramos e o curso sobre Raças e Culturas no Brasil". *Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia*, 55(2): 1-26.

RAMASSOTE, Rodrigo. 2017. "Cartas de trabalho: a correspondência de Octávio da Costa Eduardo

a Melville J. Herskovits". *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(27): 231-248.

SANSONE, Livio. 2022. "Entangled fields. Some sources and hypotheses for the study of the history of Afro-Brazilian, African-American and African studies in Brazil and the United States". *Cahiers des Ameriques Latines*, 99: 279-299.

SANSONE, Livio. 2012. "Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27: 9-29.

SANSONE, Livio. 2011. "Lorenzo, Franklin and Melville in the Gantois. The transnational making of Afro-Brazilian studies". *Black Scholar*, 41: 48-63.

Editor-Chefe: Guilherme Moura Fagundes
Editora-Associada: Marta Rosa Amoroso
Editora-Associada: Ana Claudia Duarte Rocha Marques

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001